

Fluxo de capitais deve cair, afirma Scheinkman

Alex Ribeiro
de São Paulo

O economista José Scheinkman, da Universidade de Princeton, Estados Unidos, prevê uma redução do fluxo de capitais estrangeiros dirigidos ao Brasil, assim que se consolidar a recente tendência entre os investidores de transferir para as Bolsas recursos que até agora eram aplicados em renda fixa de países emergentes.

Ele lembrou que nos últimos meses o risco-país despencou devido a uma bem-vinda mudança de rumo dos investimentos estrangeiros, que trocaram títulos de países desenvolvidos pelos emergentes. Mas o próximo movimento de capitais poderá não ser tão favorável ao País como o anterior. "O Brasil não tem um mercado acionário relevante e provavelmente não vai se beneficiar", disse.

No passado recente, os investidores migraram para emergentes porque, com seguidos cortes de juros em países desenvolvidos, a taxa de retorno tornou-se pouco interessante. O fluxo de capitais aos emergentes foi fundamental para que o risco Brasil rompesse o piso de 800 pontos base, um terço do registrado nas eleições de 2002.

Scheinkman — que fez uma palestra no III Encontro Brasileiro de Finanças, na FEA/USP — disse em entrevista que já se percebeu, na última semana, esse redirecionamento. Ele também expressou preocupação com fluxos de investimentos diretos ao Brasil, que estariam sendo prejudicados pelas incertezas no campo regulatório. "Há uma crise mundial e, naturalmente, espera-se que haja uma queda nos investimentos diretos, mas no Brasil ela tem sido mais acentuada que em outros países emergentes", afirmou.

Segundo ele, o México terá uma queda de apenas 20% nos investimentos em 2003, caso se projete para o ano os ingressos que ocorreram no primeiro semestre. No caso do Brasil, a queda estimada é de 50%, o que seria um forte indicador que, além do cenário ma-



José Scheinkman

croeconômico mundial, outros fatores afetam os fluxos.

O economista brasileiro, que leciona há muitos anos nos EUA, disse que falta um marco regulatório adequado no setor de energia elétrica e que foram criadas incertezas no segmento de telecomunicações. "As notícias das últimas semanas não ajudam muito", afirmou, referindo-se às disputas políticas e jurídicas na definição das tarifas de telefone.

Mercado de câmbio

Scheinkman disse considerar bastante adequada a estratégia do Banco Central de não intervir no mercado para segurar a cotação do dólar, limitando-se a reduzir a rolagem de títulos cambiais.

Para ele, seria um erro o BC comprar dólares para levantar a cotação e fortalecer as reservas. Seria o mesmo, argumenta, que tomar dinheiro emprestado em uma financeira, pagando juros altos, e aplicá-los na poupança. No caso das reservas internacionais, o custo de captação é também muito superior ao de aplicação.

"Houve épocas em que as autoridades não eram inteligentes o suficientes para não fazer isso", disse Scheinkman, referindo-se ao acúmulo de reservas durante a gestão de Gustavo Franco no BC. A experiência recente mostra, afirmou, que altas reservas não ajudam necessariamente a reduzir a volatilidade da taxa de câmbio.